

## ÁLVARO DE CAMPOS-O DA MANSARDA

À Ângela Senra,

Vera Lúcia Carvalho Casa Nova

"O homem, bobo da sua aspiração, sombra chinesa de sua ânsia inútil, segue, revoltado e ignóbil, servo das mesmas leis químicas, no rodar imperturbável da terra, implacavelmente em torno a um astro amarelo, sem esperança, sem sossego, sem outro conforto que o abafo das suas ilusões da realidade e a realidade das suas ilusões...<sup>1</sup>

Assim se inicia o esboço para "Tabacaria" de Álvaro de Campos, onde já podemos encontrar toda a problematização de um processo de conhecimento circulando sobre os temas de labirinto, degradação do ser, consciência infeliz, isolamento, exílio e angústia diante do mundo.

Resguardado em seu quarto, do mundo exterior, o eu do poeta se configura fragmentado e sem saída e se projeta nos "gênios para-si mesmos" que no percurso da existência armam "filosofias em segredo", e negam a experiência do próprio existir.

Os primeiros versos de *Tabacaria*,

"Não sou nada  
Nunca serei nada  
Não posso querer ser nada..."<sup>2</sup>

abrem o caminho - discurso para o pensar a existência e fundar onto logicamente a ruptura.

É a explosão do 'eu-sujeito deparando-se com o objeto, negando o conhecimento, a partir da experiência do viver.

Esse eu-nada presentifica a anulação, o aniquilamento de uma praxis<sup>3</sup>, e reafirma o predomínio do sujeito sobre o objeto e a redução deste por aquele.

Há a rua - onde há gente, que é "inacessível a todos os pensamentos", da mesma forma em que de seu "quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é". Constatação de solidão, o homem se depara com o real da rua e vê nela o insondável. Essa pulsão de morte, do nada, as sucessivas designações negativas conduzem o poeta a

verdade do ser, à lucidez, à consciência.

"Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade".

A apreensão do real (da rua) sacode-o e a perplexidade se instaura. Ao assumir a perplexidade o eu-poeta se depara com o tempo e resta-lhe a contemplação.

"Saio da janela, sento-me numa cadeira  
Em que hei de pensar?"

Nessa contemplação do real, as aspirações do ser colbam-no diante da conquista do mundo em sua infinitude empírica e no seu movimento contínuo. Negando sua história, nega também a História.

"Cem mil cérebros se concebem em sonho  
gênios como eu  
e a história não marcará, quem sabe? nem um  
nem haverá senão estrume de tantas conquistas futuras."

O contexto histórico que permitiria a ele inserir-se com eficácia no processo do real, é negado, inicialmente. Essa consciência trágica, infeliz, é forma de consciência surgida historicamente, numa época única da formação do estado burguês.

Criador de realidades, o poeta se afasta delas para aproximar-se mais. O passado vivido, negado, afastado no tempo é eliminado e criticado. Mundo destituído de valores, não há compreensão, porque não há ação, que seria um modo dele se apropriar (do conhecimento) das coisas, do sentido delas, já que é na dialética passividade/atividade que o sujeito transforma o objeto.

"Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta  
Vejo as lojas, vejo os passeios...  
E tudo isso me pesa como uma condenação ao degredo  
E tudo isso é estrangeiro, como tudo..."

Tomando consciência das coisas, através da visão, o poeta capta a realidade como estranha, como condenação ao degredo. A filosofia moderna lhe dá a legitimidade: a visão como produto histórico-social. Nascido em condições que não lhe são próprias, o homem é jogado no mundo, e só através da praxis ele possui, modifica, reproduz, transforma a realidade.

"Serei sempre o que não nasceu para isso  
Serei sempre só o que tinha qualidades  
Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta

ao pé de uma parede sem porta...  
e ouviu a voz de Deus num poço tapado...

A opacidade do mundo, o alheamento são reflexos da destituição de valores. Daí só lhe restando dizer:

"Come chocolates, pequena  
Come chocolates!  
Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.  
Olhe que a as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria...  
Come, pequena suja, come!  
Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!  
Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folha de estanho,  
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida."

No processo do conhecimento, da compreensão da realidade, a metafísica seria uma possibilidade - sem alternativas, a tragédia.

À condição de comer chocolates - a verdade confeitada - a mesma que a religião traça ideologicamente institui-se o ser alienado. O poeta, no entanto, não se considera como tal.

Inserido no processo do real, ele revela seu desejo, no retorno à sua história individual, relativizada diante do absoluto.

"Vivi, estudei, amei e até cri.  
E hoje não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu."

Verdade e/ou engano constituem o mundo do duplo. Assim:

"O dominô que vesti era errado  
conheceram-me logo por quem não era e  
não desmenti e perdi-me,  
quando quis tirar a máscara  
Estava pegada à cara  
Quando a tirei e me vi ao espelho,  
já tinha envelhecido.  
Estava bêbado, já não sabia vestir o dominô"

Ao tirar a máscara, diante do espelho, o poeta possui seu corpo próprio (apreensão) - imagem exterior. Nesse re-conhecimento de corpo, o "ser inofensivo" aparece. Ao integrar a imagem a seu próprio cor-

po, o sujeito se vê na contemplação, diante da Tabacaria, "calcando os pés a consciência de estar existindo, como um tapete em que um bêbado tropeça..."

A presença do Dono da Tabacaria traz-lhe a identificação com a morte, ou melhor, à lei da morte, a inutilidade do fazer ver sos e a problematização do eterno.

"Ele morrerá e eu morrerei

Ele deixará a tabuleta, eu deixarei versos

A certa altura morrerá a Tabuleta também, e os ver sos também..."

Se tudo é fadado ao desaparecimento, se tudo só existe apenas no espaço e no tempo, só a transitoriedade é caráter único. O problema do sentido desta provisoriade permanece eterno, sem solução.

Pelo passado determina-se o futuro. Negação de uma vida, ruptura radical entre o que foi e o que será, o poeta recoloca a negação do futuro, através da morte, porque sujeito ao passado.

"Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar ta baco?)

E a realidade plausível cai de repente em cima de mim".

O poeta vê, agora, a poesia como a liberdade de deslocamento do real. Subjetividade no mundo perdido, reencontra-se, torna-se o su jeito que se objetiviza, podendo compreender aquilo que é. Sente - se parte integrante desse mundo. Assim, abstrai-se da subjetivida de e se torna objeto e elemento desse sistema. Esteves "sem metafí sica" e o Dono da Tabacaria trazem-no ao sistema - à relação so cial. Contemplando essas duas figuras vê-se a si mesmo como sujei to. Aquilo que se apresenta como mudança de perspectiva, em verda de é deslocamento do real. O poeta se torna realidade apenas por ser um elo do sistema. Fora deste, ele é irreal (no 19 movimento do poema, o poeta é consciência de sua irrealidade histórica).

Não vai à Tabacaria, é no quarto, é na mansarda que existe como ser isolado -

"e o universo reconstruiu-se-me sem ideal nem espe rança,

e o Dono da Tabacaria sorriu".

Vislumbra, através da consciência do seu passado uma possibilida de de dimensionar presente, futuro, mas há um aceno, tão-somente.

Não supera o emparedamento, a mansarda, e o passado é deixado para trás como algo desnecessário ao presente.

O processo de integração, ao mesmo tempo, crítica e avaliação, continua na circularidade da negação.

Não pude aqui considerar as possíveis "influências" da filosofia moderna ou da Teologia negativa. Sô cabe mostrar algumas indicações de abordagem deste texto tão lido e relido. Fica, entretanto, a evidência do "nada" em muitas passagens de textos do heterônimo Álvaro de Campos. Caminhando em direção ao absoluto, Campos passa pelo absurdo, ou seja, pela negação da quotidianidade, do natural, da vida. Especulação acerca do nada que caracteriza um conceito ontológico de origem idealista e romântica, a poesia de Campos, entre tanto não deve ser vista como niilista, pois que da experiência do pensar, do absoluto como a essência pura do ser, resta-lhe a poesia, linguagem que presentifica o nada, na medida em que aniquila o real, mas funda o pensar, a criação para encontrar nela - a palavra - a morada da representação poética.

#### N O T A S

1. Fernando Pessoa: *Páginas Intimas e de Auto-Interpretação*; Ed. Ática, p. 405.
2. Fernando Pessoa: *Obras Completas*. Ed. Aguilar, RJ. 1965.
3. Observações acerca do conceito de praxis, usado neste trabalho :
  - o caráter dialético da praxis imprime uma marca em todas as criações humanas, no caso, a poesia vista como produção.
  - revelação do homem como ser ontocriativo, como criador de realidades.
  - determinação da existência humana como elaboração da realidade.
  - manifesta no momento da criação e no momento existencial Na atividade objetiva e na subjetiva.

## A REPRESENTAÇÃO EM UM SONETO DE CAMÕES

Ivete Lara Camargos Walty  
Nancy Maria Mendes

Apolo e as nove musas, discantando  
com a dourada lira, me influíam  
Na suave harmonia que faziam,  
Quando tomei a pena, começando.

"Ditoso seja o dia e a hora, quando  
Tão delicados olhos me feriam!  
Ditosos os sentidos que sentiam  
Estar-se em seu desejo traspassando."

Assí cantava, quando Amor virou  
A roda ã esperança, que corria  
Tão ligeira que quase era invisível.

Converteu-se-me em noite o claro dia;  
E se algũa esperança me ficou,  
Será de maior mal, se for possível.

Nesse soneto, a idéia de representação é bastante evidente e se impõe ao leitor.

Ao primeiro contato com o texto, percebe-se sua fundamentação antitética, com a presença de uma temática freqüente na lírica camoniana: a oposição entre a expectativa do gozo, da felicidade advinda da correspondência amorosa e sua perda. No segundo quarteto do poema há como que uma prelibação do gozo já que o poeta bendiz não só o momento - "ditoso seja o dia e a hora" como também os próprios sentidos voltados para o desejo da amada:

"Ditosos os sentidos que sentiam  
Estar-se em seu desejo traspassando".

Um olhar feminino, como seta de Cupido, despertara no poeta esse estado de expectativa amorosa, impregnara-o de sensualismo. Entretanto, a interferência negativa e imprópria do Amor destrói não só as esperanças do poeta como também sua inspiração, pois não há mais motivo

para o alegre canto esboçado.

Esse canto está anunciado na primeira estrofe onde é atribuído à inspiração dos deuses. Aqui, o poeta, fiel à mitologia greco-romana, evoca a figura de Apolo e do coro das Musas. Tal evocação conota a arte clássica quinhentista de cunho eminentemente racional, já que Apolo, identificando-se com o sol, é o deus da luz, da razão. Amor, provocando a interrupção do canto, contrapõe-se a Apolo, como ficou dito, faz uma interferência imprópria: é ele, e não a justiça, quem muda o sentido à roda da fortuna, lançando o poeta nas trevas da noite, furtando-o à felicidade da correspondência amorosa e à inspiração poética. Portanto, à antítese-situação favorável ao poeta com expectativa da felicidade e sua perda irremediável - liga-se outra: momentos de inspiração poética e sua perda. A essas duas situações antitéticas, corresponde, no plano simbólico, um conflito entre dois deuses:

Apolo	X	Amor
dia		dia
inspiração		não inspiração
felicidade		mal

Os elementos da mitologia greco-romana no poema, como no Quinhentismo de modo geral funcionam simbolicamente, constituindo uma espécie de representação: explicam a inspiração poética e justificam o fracasso, quer do homem no plano sentimental, quer do poeta, no plano artístico.

No texto em pauta, há uma outra e mais curiosa representação. Trata-se da inserção de versos, supostamente de outro poema, neste. O segundo quarteto, exatamente onde se encontra a referência ao fugaz momento de felicidade, seria a primeira estrofe de um soneto inacabado. O poeta não faz mera referência ao canto que iniciara, mas, utilizando-se do estilo direto, transcreve-o. Torna-se, pois, o ato de escrever, duplamente representativo, já que um poema contém parte de outro.

E o caráter de representação se acentua à medida que se finge a perda da inspiração com a desesperança amorosa: interrompeu-se o poema "Ditosa seja o dia e hora, quando", mas prossegue "Apolo e as nove Musas, discantando", em tom oposto ao inicial, como já foi observado. O poeta se diz imerso em trevas e seu sofrimento, surgido no passado, atinge-o no presente e se projeta para o futuro.

"E se alguma esperança me ficou,

Será de maior mal, se for possível"

Fênix poética, um soneto surgiu, pois, das cinzas de outro.  
Na noite do poeta brilha a inspiração apolínea.